

TRANSGRESSÃO E MEDO: ENCENAÇÕES DO HOMOEROTISMO NO BRASIL ANTES E DEPOIS DA AIDS

Victor Hugo Adler Pereira (UERJ)

ALBUQUERQUE, Severino J. *Tentative transgressions: homosexuality, AIDS and the theater in Brazil*. Madison: University of Wisconsin Press, 2004, 240 p.

Baseado em competente pesquisa do professor Severino Albuquerque, o livro *Tentative transgressions: homosexuality, AIDS and the theater in Brazil*, recém-lançado nos EUA, apresenta o primeiro estudo profundo e abrangente sobre as figurações do desejo homoerótico na cena teatral brasileira.

O autor, que leciona e pesquisa há muitos anos na Universidade de Wisconsin/ Madison, tem oferecido extensa e valiosa contribuição aos estudos sobre o teatro no Brasil e na América Latina – entre eles o vigoroso *Violent acts: a study of contemporary Latin American theatre*, de 1991.

No primeiro capítulo do livro, encontra-se um amplo panorama de problemas da relação entre os gêneros no Brasil, analisando as implicações da manutenção de mecanismos do poder masculino. Enfocam-se as peculiaridades do preconceito, do rebaixamento ou do silêncio sobre formas alternativas ao comportamento heterossexual, num país em que proliferam formas de carnavalizar ou obscurecer limites e definições quanto ao homossexualismo, o transformismo, o transvestismo e a bissexualidade. O pesquisador releva nuances e contradições, nas representações sociais, difíceis de ser observadas por quem não tenha uma experiência duradoura e diversificada da vida cotidiana.

na nos grandes centros urbanos brasileiros. Severino Albuquerque comentou, em palestra recente na UERJ, que fornece muitas informações, no conjunto do livro, destinadas a um público leitor que não conhece de perto o país e a sua cultura, e que poderão ser retiradas numa eventual tradução do livro para o Português. No entanto, a análise sobre acontecimentos cotidianos – conflitos que se destacaram na imprensa do país, envolvendo as diferentes figurações do homossexual e do homoerotismo, atitudes da mídia e do público quanto a esses temas – a partir de referências teóricas atualizadas revela-se de fundamental importância para fundamentar a interpretação do pesquisador sobre os problemas relativos à cultura e ao teatro no Brasil. Além disso, esse panorama inicial do livro, independentemente de seu rendimento para a análise do teatro, acaba oferecendo um fecundo material para discussão sobre os problemas de gênero no país, mesmo para aqueles que vêm acompanhando esse campo de discussões “in loco”. Desde este capítulo inicial, além da acuidade da análise crítica, chama a atenção a originalidade e a abundância de fontes que o pesquisador conseguiu reunir e o método com que as articula no trabalho analítico.

Um dos momentos de grande ousadia deste estudo é a revisão crítica da atitude diante do homossexualismo que se depreende do tratamento de personagens teatrais de Oswald de Andrade, Nelson Rodrigues e Plínio Marcos, porque procura demonstrar as limitações de perspectiva de algumas obras consideradas referências centrais, porque pioneiras na apresentação teatral, no Brasil, de situações homoeróticas. O pesquisador reconhece, nas páginas conclusivas, que foi levado pela pesquisa a desafiar alguns dos monstros sagrados do teatro brasileiro do século XX, mas também que, através dela, deu o primeiro tratamento extenso a um conjunto de peças até então ignoradas pela crítica.

Certamente, Severino Albuquerque consegue, a partir da perspectiva de estudo de gênero adotada, revelar aspectos de conservadorismo na produção teatral considerada como a mais representativa desde o modernismo até a atualidade. O caráter

conservador relaciona-se aos limites e às distorções impostos às tentativas de substituir o silêncio de um oprimido por uma fala que o represente. Dificuldade de autores como Oswald de Andrade e Nelson Rodrigues que, no entender de Severino Albuquerque, tomaram a palavra no lugar de um bom elenco de escritores brasileiros que preferiram não levar à cena teatral as suas experiências pessoais como homossexuais. A discussão desse tipo de problemas coloca uma questão de grande atualidade também no campo mais amplo de relações de classe e foi explorada em ensaio de Gayatri Spivak, referência importante deste estudo de Severino Albuquerque: “Podem os subalternos falar?”

O pesquisador insiste na dificuldade de gays e lésbicas encontrarem no Brasil canais de manifestação ou veiculação pública de suas experiências, exceto nos quadros da cultura do Carnaval (e não serão muitas vezes as expressões carnavalescas comprometidas com o rebaixamento?) ou em formas menos consagradas do teatro, como a revista. Ele constata que, somente depois dos anos sessenta, surgem no país tentativas realmente inovadoras de abordagem teatral de situações ligadas ao homoerotismo masculino – deixando ainda na sombra, até à atualidade, a análise do desejo feminino. No fim dos anos sessenta, a liberação das representações do desejo erótico em cena acompanha-se, no Brasil, de um clima de tolerância em outras áreas do comportamento, como o uso de drogas: a estréia da peça *O Assalto* de Zé Vicente, em 1969, é imediatamente seguida das peças *Hoje é dia de rock* (também de Zé Vicente, em 1971) e *A China é azul* (de José Wilker, em 1972) – emblemas de uma cultura influenciada pela filosofia “hippie” ou “contracultural” no Brasil. Ressalte-se que essas manifestações repercutiam junto a setores da burguesia brasileira sobretudo por representarem a atualização a tendências internacionais e coincidiam com a entrada em vigor dos mecanismos de censura e repressão política do AI-5, promulgado em dezembro de 1968. Observe-se também que grande parte da obra literária e teatral de Caio Fernando Abreu foi marcada pela abordagem do homoerotismo a partir do que se pode considerar um “caldo” de referências da contracultura: relacionado à contestação

de padrões de comportamento em variados níveis e até mesmo de mecanismos de compreensão racional do mundo.

Interessa mais de perto ao conjunto da pesquisa de Severino Albuquerque na obra de Caio Fernando sua vinculação às repercussões da epidemia da AIDS, em um de seus momentos mais desesperadores, e que vai colocar novos problemas para a convivência com as diferenças de comportamento no Brasil, assim como novos desafios para o teatro. A dramaturgia de Caio é tomada como característica de um dos seis paradigmas construídos por Severino Albuquerque a partir do modo com que o teatro brasileiro veio abordando a epidemia da AIDS, desde seu surgimento no Brasil até os dias atuais. Caio representa, no entender do pesquisador, o paradigma identificado ao pós-modernismo – pela “sensibilidade, ambigüidade, instabilidade e ruptura”, características que, pelo que se pode deduzir do conjunto das análises apresentadas, encontram sua mais completa realização nas metamorfoses da performance de *Dama da Noite*, interpretadas pelo ator Gilberto Gavronski de 1988 a 2000.

Além do estudo dos traços definidores e obras características do paradigma associado a Caio Fernando, Severino Albuquerque dedica o final de seu livro ao estudo de mais outros cinco paradigmas: o neorealista, o neoexpressionista, o do teatro coletivo, o alegórico e o evocativo.

Na análise minuciosa das peças, representativas de cada paradigma, chega a relevar a escolha de atores para a encenação, demonstrando a dedicação com que acompanha as transformações do teatro brasileiro em suas viagens ao Brasil. Entre as pequenas e as grandes contribuições atuais, toma o pulso do teatro, buscando encontrar sintomas de que este supera o estágio das “tentative transgressions” – situadas no título do livro e que conotam um caminho hesitante ou tímido no desafio à hipocrisia e ao conformismo moral enraizado no Brasil. Ao longo do livro, por isso, analisa os avanços e os recuos na abertura de espaços para a manifestação dos desejos e afetos ainda considerados subalternos na convivência social e no teatro do país.